

Running head: SINAIS NÃO-VERBAIS DE AMABILIDADE: UMA REVISÃO

Sinais Não-Verbais de Amabilidade: Uma Revisão da Literatura

Rodrigo Rodrigues Fabretti, Letícia Garibaldi Gasparetto, Claudia Hofheinz Giacomoni

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia

Porto Alegre, Novembro de 2018.

Resumo

Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão da literatura nacional e internacional sobre a relação entre sinais não-verbais e Amabilidade no período de 2003 a 2018. Realizou-se um levantamento de artigos indexados nas bases de dados SCOPUS, APA PsycNET, Web of Science e LILACS, utilizando-se os descritores em língua portuguesa “não-verbal” e “amabilidade” e, em inglês, “nonverbal” e “agreeableness”. A seleção resultou num total de 21 artigos, que foram classificados quanto aos autores, ano de publicação, países de origem, fonte de informação para a codificação dos comportamentos, associações com o construto, bem como os instrumentos de personalidade utilizados. Observou-se uma diversidade de sinais não-verbais relacionados aos escores de Amabilidade, indicando que esse fator da personalidade exerce influência na comunicação não-verbal. Mais especificamente, indivíduos altos em Amabilidade parecem exibir um padrão de comunicação não-verbal que favorece interações harmoniosas.

Palavras-chave: Comunicação Não-Verbal; Amabilidade; Personalidade.

Abstract

The purpose of this study was to perform a review of both national and international literature on the relationship between nonverbal cues and Agreeableness, comprising the period of 2003 to 2018. A survey of publications indexed on SCOPUS, APA PsycNET, Web of Science, and LILACS was carried out, utilizing the following descriptors in Portuguese and in English language, respectively: “não-verbal” and “amabilidade”; “nonverbal” and “agreeableness”. The selection process resulted in a total of 21 papers, which were classified by authors, year of publication, countries of origin, source of information for the behavioral coding, associations with the construct,

as well as the personality instruments used. A diversity of nonverbal cues related to Agreeableness scores have been observed, indicating that this personality factor exert influence on nonverbal communication. More specifically, highly agreeable individuals seem to display a nonverbal communication pattern that favors harmonious interactions.

Keywords: Nonverbal Communication; Agreeableness; Personality.

Resumen

El propósito de este estudio fue realizar una revisión de la literatura nacional e internacional sobre la relación entre las señales no verbales y la Amabilidad, que abarca el período de 2003 a 2018. Una encuesta de publicaciones indexadas en SCOPUS, APA PsycNET, Web of Science y LILACS se llevó a cabo, utilizando los siguientes descriptores en portugués y en inglés, respectivamente: "Não Verbal" AND "Amabilidade"; "Nonverbal" AND "Agreeableness". El proceso de selección dio como resultado un total de 21 artículos, clasificados por autores, año de publicación, países de origen, fuente de información para la codificación de los comportamientos, asociaciones con el constructo, así como los instrumentos de personalidad utilizados. Se ha observado una diversidad de señales no verbales relacionadas con las puntuaciones de Amabilidad, lo que indica que este factor de personalidad ejerce influencia sobre la comunicación no verbal. Más específicamente, los individuos altos en Amabilidad parecen mostrar un patrón de comunicación no verbal que favorece las interacciones armoniosas.

Palabras clave: Comunicación no verbal; Amabilidad; Personalidad.

Introdução

O que faz algumas pessoas parecerem tão simpáticas? Existe uma maneira de identificá-las a partir de características como postura, olhar, expressão facial, voz ou aparência física? Muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo da comunicação não-verbal e como ela é influenciada pelas emoções, cultura, gênero e, entre outros fatores, a personalidade (Burgoon, Guerrero, & Floyd, 2016, pp. 23-37). Comunicação não-verbal se refere a todo o tipo de comunicação feita por outros meios que não a palavra, compreendendo diversos aspectos como, por exemplo, gestos, postura, expressões faciais e vocais, olhar, entre diversas outras características (Knapp, Hall, & Horgan, 2013, pp. 8-13). Embora não haja consenso sobre o peso dado às informações transmitidas por esse meio, estimativas indicam que até dois terços do significado das nossas interações procedem de sinais não-verbais (Burgoon, Guerrero, & Floyd, 2016, pp. 2-3).

Esse canal da comunicação também exerce grande influência sobre como os indivíduos percebem e julgam uns aos outros (Burgoon & Poire, 1999). Decisões com conseqüências importantes, tais como seleção de candidatos para uma vaga de emprego (Frauendorfer & Mast, 2015), uso de violência policial (Sweet & Burzette, 2018) ou sentença criminal (Wilson & Rule, 2015) podem ser influenciados a partir dessas impressões.

Diante disso, Funder (2012) destaca a relevância em investigar como e quando julgamentos corretos sobre personalidade são feitos a partir de características observáveis, sejam sinais verbais ou não. Os fatores da personalidade, embora passíveis de serem inferidos, são manifestados de forma mais ou menos evidente, o que implica em maior ou menor dificuldade em realizar essas inferências. Dentre eles, Amabilidade

é apontada como difícil de ser inferida (Ames & Bianchi, 2008). Esse fator da personalidade, também denominado Socialização e *Agreeableness* (em inglês) reflete a tendência a ser cordial, altruísta, simpático e atento às necessidades dos outros (Graziano & Eisenberg, 1997). Juntamente com outros quatro fatores (Extroversão, Neuroticismo, Conscienciosidade e Abertura à Experiência), Amabilidade compõe os Cinco Grandes Fatores (CGF) da personalidade, ou *Big Five*, que representam padrões relativamente estáveis de comportamentos, pensamentos e emoções (Costa & McCrae, 1992, 2003; Goldberg, 1990).

Amabilidade, além de importante na manutenção de relações sociais harmoniosas (p. ex., Tov, Nai, & Lee, 2016), costuma ser o principal alvo de julgamentos interpessoais: as primeiras impressões sobre as pessoas geralmente envolvem adjetivos como “simpático(a)” ou “arrogante”. Essas impressões, apesar de quase imediatas, mostram-se geralmente imprecisas, o que evidencia a dificuldade que temos em julgar corretamente esse fator, ainda que tenhamos interesse em avaliá-lo (Ames & Bianchi, 2008). A complexidade no julgamento de Amabilidade mostra-se ainda mais evidente considerando que indivíduos necessitam de pouca informação para realizar inferências interpessoais corretas (Ambady, Bernieri, & Richeson, 2000).

Uma possível explicação para a dificuldade dos indivíduos em julgar Amabilidade reside no alto valor social atribuído às características desse traço, o que foi denominado “avaliabilidade” (*evaluativeness*) do traço (Funder & Dornth, 1987): pessoas tendem a esconder comportamentos socialmente indesejados e realçar os desejados, interferindo na precisão de julgamentos envolvendo características com grande apreço social. A dificuldade em avaliar esse traço da personalidade poderia ocorrer porque determinadas situações sociais requerem uma postura mais cortês,

exigindo, por exemplo, que indivíduos normalmente desconfiados ou hostis (baixos em Amabilidade) escondam suas tendências a fim de transmitir uma primeira impressão mais agradável.

Fazer inferências sobre características de personalidade de outras pessoas é um fenômeno onipresente e relevante (Funder, 2012) e explicações para esse fenômeno com base na perspectiva evolucionista salientam a importância que a habilidade e a disposição humana em realizar julgamentos imediatos de outras pessoas conferiu à sobrevivência da espécie (p. ex., Fiske, 2007). Animais sociais, ao se depararem com outros, precisam determinar rapidamente se o “outro” trata-se de amigo ou inimigo (se pretende causar bem ou o mal) e se possui capacidade de realizar tais intenções. Nesse sentido, existem evidências de que impressões interpessoais podem ser classificadas dentro de duas dimensões universais: cordialidade e competência (Fiske, 2007). Amabilidade estaria relacionada à dimensão cordialidade, que além de suscitar reações afetivas e emocionais maiores, é julgada com mais rapidez.

Perspectivas semelhantes a essa podem ser encontradas em outros estudos. Oosterhof e Todorov (2008), sugerem que julgamentos interpessoais envolvem supergeneralizações de mecanismos adaptativos para inferir intenções prejudiciais e capacidade de causar dano. Embora nem sempre corretos, esses julgamentos são extremamente rápidos, podendo ocorrer em 100 milliseconds (Todorov, Pakrashi, & Oosterhof, 2009). Esses achados sustentam a ideia de que a percepção de traços de personalidade ocorre de forma espontânea, isto é, sem intenção ou processamento consciente (Uleman, Adil Saribay, & Gonzalez, 2008).

De forma geral, a comunicação não-verbal caracteriza-se por ser uma importante fonte de informações para compreender emoções, intenções e estados internos de outras

peçoas, direcionando nossas interações sociais. Ela está presente em praticamente toda a forma de comunicação humana e é muito informativa, precedendo e complementando nossa comunicação verbal e sendo priorizada quando há contradição entre essas duas fontes (Burgoon, Guerrero, & Floyd, 2016, pp. 3-8). Considerando-se o fato de que diversos atributos psicológicos são inferidos com precisão através desse canal da comunicação, dentre eles a personalidade (Uleman, Adil Saribay, & Gonzalez, 2008), Amabilidade mostra-se como sendo um fator intrigante, tanto pela primazia e rapidez com que é processada quanto pela dificuldade que os indivíduos têm em julgá-la com precisão. Sendo assim, o objetivo desse estudo foi realizar uma revisão da literatura sobre a influência da Amabilidade na comunicação não-verbal.

Para abordar o tema, será empregado o modelo de lentes (Brunswik, 1956), amplamente utilizado em pesquisas sobre julgamentos de personalidade. Os sinais não-verbais, a partir desse modelo, podem ser categorizados quanto à sua validade e utilização. Sinais não-verbais válidos dizem respeito aos comportamentos não-verbais que efetivamente têm relação com os escores do indivíduo no traço (para o propósito deste estudo, Amabilidade). A utilização de sinais não-verbais, por sua vez, diz respeito aos comportamentos não-verbais que têm relação com os julgamentos que um indivíduo faz sobre outro, ou, ainda, os sinais que um indivíduo utiliza para fazer inferências sobre características latentes de outro indivíduo e que podem estar corretas ou não. A precisão no julgamento ocorre quando o sinal utilizado também é válido. O modelo de Brunswik simplificado está esquematizado na Figura 1, onde utilizou-se como exemplo o fator Extroversão: um julgamento preciso ocorreria quando um sinal que tem correlação com índices de extroversão (p. ex., falar alto) fosse utilizado pelo observador para inferir que o sujeito observado é extrovertido.

Figura 1

Método

Esse estudo caracteriza-se por ser uma revisão qualitativa da literatura. Com a finalidade de atingir o objetivo proposto, realizou-se buscas de estudos indexados nas bases de dados do SCOPUS, APA PsycNET, Web of Science e LILACS, utilizando-se os seguintes descritores em inglês e em português, respectivamente: “*Nonverbal*” AND “*Agreeableness*” e “Não-Verbal” AND “Amabilidade”. O uso do operador booleano AND foi adotado com o objetivo de compor uma *string* e viabilizar a localização de referências que apresentam os descritores conjuntamente. Além disso, as referências dos trabalhos selecionados foram analisadas com o objetivo de buscar artigos empíricos não contemplados na busca. Os seguintes critérios de inclusão foram definidos: 1) recorte temporal de 15 anos (2002 à 2018), considerando importantes avanços teóricos na área no período antecedente ao ano inicial da busca (Ambady, Bernieri, & Richeson, 2000), além de poder abranger um grande número de estudos; 2) artigos revisados por pares; 3) artigos em que os fatores da personalidade fossem aferidos a partir do modelo dos CGF. Foram excluídos do *corpus* do estudo artigos em que os aspectos não-verbais da comunicação não fossem abordados, revisões gerais sobre julgamento de personalidade, validação, normatização e tradução de testes, escalas, inventários e desenvolvimento de instrumentos, além de artigos sem relação com o objetivo do estudo. O fluxo do processo de seleção dos estudos está esquematizado na Figura 2.

Resultados

Diagrama de Fluxo dos Artigos Revisados

Figura 2

A partir dos critérios adotados, o *corpus* revisado compreendeu 21 artigos empíricos em periódicos científicos. A seguir, serão apresentadas as sínteses de cada estudo em ordem cronológica. Para uma visão geral dos conteúdos, ver Tabela 1 e

Tabela 2.

Tabela 1

Tabela 2

No estudo de Lyons, Tickle-Degnen, Henry e Cohn (2004), 99 terapeutas avaliaram trechos de entrevistas gravadas com 12 pacientes com doença de Parkinson leve a moderada. Os escores de personalidade dos pacientes foram obtidos através de medidas de autorrelato, além de serem inferidos pelos terapeutas a partir das gravações. Não foram encontradas correlações significativas entre os escores de Amabilidade autorrelatados e aspectos não-verbais da comunicação. Os resultados, no entanto, foram significativos quando os sinais não-verbais foram relacionados aos escores de personalidade inferidos pelos terapeutas, que classificaram como mais amáveis pacientes que vestiam-se de forma mais formal e apresentavam expressividade positiva. Pacientes com legibilidade vocal pobre, isto é, com dificuldade na articulação, inflexão e sonoridade da fala também foram classificados como mais amáveis pelos terapeutas. Pacientes com maior balanceamento do corpo e tremores, por outro lado, foram percebidos como mais baixos em Amabilidade.

Um estudo utilizando uma amostra de crianças ($n = 94$) examinou a relação entre seus escores de personalidade (reportados pelos pais através de inventários válidos) e seus comportamentos sociais, extraídos a partir de gravações de suas interações com seus pais (Markey, Markey, & Tinsley, 2004). Os resultados do estudo sugerem que crianças com escores mais altos em Amabilidade tendem a demonstrar interesse no que o(s) pai(s) tem a dizer, buscar confirmação do(s) pai(s), como pedir por concordância ou “pescar elogios”, envolver-se em constante contato visual com o(s) pai(s), expressar cordialidade, mostrarem-se mais simpáticas e sorrirem com mais frequência.

Comportamentos não-verbais associados a baixos escores em Amabilidade incluíram exibir ares de superioridade, competir com o(s) pai(s), expressar crítica (de

qualquer um ou qualquer coisa), falar para o(s) pai(s) e não com o(s) pai(s) (por ex., conduzir monólogos, ignorar o que o(s) pai(s) tem a dizer), fazer coisas interessantes durante a interação, manter pai(s) à distância e ter aparência incomum ou não-convencional.

Mehu, Little e Dunbar (2007) testaram a hipótese de que o sorriso Duchenne (ou sorriso verdadeiro) provocava diferentes respostas em indivíduos que os percebem. Para a realização do estudo, foram fotografadas 50 pessoas com rosto em estado neutro ou sorrindo, e 58 participantes (juízes) avaliaram as fotografias e as classificaram em diversos atributos, entre eles o fator Amabilidade. Foram encontrados tamanhos de efeito baixos para o julgamento de Amabilidade e outros atributos, indicando que o sorriso Duchenne exerce pouco efeito no julgamento desse traço de personalidade, embora o efeito seja maior do que para sorrisos não-Duchenne.

Pound, Penton-Voak e Brown (2007) buscaram testar a hipótese de que Amabilidade, entre outros fatores da personalidade, estaria negativamente associada à simetria facial, conforme proposto pelo estudo de Fink e cols. (2005). Utilizando-se de uma amostra maior de participantes e incluindo na análise também as regiões mais periféricas do rosto, os autores não foram capazes de replicar os achados do estudo para o fator Amabilidade, contrariando a hipótese de que Amabilidade estaria negativamente associada à simetria facial.

Utilizando o paradigma de interação em duplas não estruturadas, Cuperman e Ickes (2009) examinaram os efeitos do gênero e os CGF da personalidade sobre os comportamentos e percepções dos membros das duplas, em 87 interações. Para obtenção dos escores de personalidade, os participantes preencheram um instrumento de autorrelato. Os comportamentos da interação foram gravados por câmeras escondidas e

codificados pela equipe de pesquisa. Os resultados mostraram correlações positivas entre os escores de Amabilidade dos participantes e o número de vezes que falaram, a duração da fala, o número e a duração de sorrisos e risadas e o número de acenos de cabeça.

Koppensteiner e Grammer (2010) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a relação entre comportamento não-verbal e formação de impressões. Para isso, realizaram a transposição dos movimentos corporais de políticos proferindo discursos para animações no formato de bonecos palito. A amostra foi composta por 150 participantes, que classificaram os bonecos palito a partir dos cinco fatores da personalidade. Os resultados indicaram que os participantes consideraram mais “amáveis” bonecos que exibiam baixa atividade corporal interrompidas por fases de alta atividade. Movimentos verticais dos braços foram associados a julgamentos de baixa Amabilidade.

Investigando a relação entre traços de personalidade e características da escrita, Küfner, Back, Nestler e Egloff (2010) conduziram um experimento em que os participantes precisavam criar histórias criativas utilizando um conjunto de palavras predefinidas. O estudo foi composto por 2 estudos menores, o primeiro com 79 e o segundo com 126 participantes. Os escores de personalidade dos participantes foram obtidos através de autorrelato e por pares (pessoas próximas), gerando escores agregados (média entre as duas fontes). Os escores de personalidade dos participantes-alvo também foram avaliados pelos participantes-observadores, gerando resultados sobre utilização de sinais. Com relação à validade dos sinais não-verbais, os escores agregados de Amabilidade dos participantes relacionaram-se com elementos de orientação social na escrita e a utilização de emoções positivas nas palavras. Esses

mesmos sinais foram utilizados pelos participantes no papel de juízes para realizar inferências sobre Amabilidade dos demais participantes.

Hostetter e Potthoff (2012) investigaram a relação entre os fatores de personalidade e a produção de gestos representacionais (movimentos com as mãos e os braços realizados durante a fala para transmitir informações semânticas). A amostra foi composta por 59 participantes no papel de oradores e outros 59 no papel de ouvintes, formando pares de oradores-ouvintes, e os oradores foram instruídos a definir detalhadamente determinados substantivos para os ouvintes, seguindo determinadas regras. Os escores de personalidade foram obtidos através de inventários de autorrelato. Os resultados do estudo indicam não haver relação entre Amabilidade e a taxa de gesticulação durante a fala.

Leikas, Lönnqvist e Verkasalo (2012) realizaram um experimento em que atores profissionais interagiram com os participantes do estudo, desempenhando quatro papéis: dominantes, submissivos, cordiais e briguentos. A amostra consistiu em 32 participantes, que foram gravados enquanto interagiam com os atores durante cinco minutos. Os comportamentos dos participantes foram codificados a partir dos vídeos, e as características de personalidade dos participantes foram obtidas através de instrumentos de autorrelato. Os comportamentos não-verbais que associaram-se ao fator Amabilidade foram os acenos de cabeça, porém apenas na interação com os atores desempenhando o papel dominante.

Mohammadi e Vinciarelli (2012) mapearam aspectos prosódicos (características como entonação, ritmo, entre outros atributos da fala) de 640 cliques de áudio, cujas falas foram retiradas de boletins de rádio. Os cliques eram emocionalmente neutros e de língua estranha aos participantes ($n = 11$) do estudo. A partir dos cliques de voz, os participantes

fizeram atribuições sobre a personalidade dos locutores. Os resultados mostram que a média de formantes (frequências ressonantes do trato vocal) parece ser uma característica utilizada para inferir Amabilidade. De forma mais específica, vozes com formantes altos tendiam a ser percebidas como pertencentes a indivíduos menos amáveis.

Kalman, Scissors, Gill e Gergle (2013) exploraram a relação da cronêmica - conjunto de características relacionadas ao tempo durante a comunicação - e fatores de personalidade durante um jogo *on-line*. O estudo contou com 124 participantes, que foram randomicamente designados para jogar em pares. As medidas de personalidade foram obtidas através do preenchimento de um instrumento de autorrelato. Os resultados, embora com pequeno tamanho de efeito, sugerem que indivíduos altos em Amabilidade tendem a enviar mensagens um pouco mais compridas e com pausas menores entre elas.

Outro estudo também avaliou relações entre características da comunicação *on-line* (entre outras variáveis) e traços de personalidade (Hall, Pennington, & Lueders, 2014). Nesse estudo, os participantes responderam a um questionário de personalidade e disponibilizaram seus perfis do Facebook para serem analisados pela equipe de pesquisadores. Além de medidas de autorrelato, a personalidade dos usuários também foi estimada por 35 observadores desconhecidos, o que também viabilizou dados sobre utilização de sinais. Com relação à validade dos sinais não-verbais, os resultados apontaram que indivíduos amáveis exibem aparência simpática nas fotos, além de terem fotos com amigos que também aparentam serem simpáticos. Além disso, quanto maiores os escores em Amabilidade, mais fotos bem humoradas eram postadas pelos usuários. Relações negativas foram observadas quanto à grossura da fonte utilizada na

página de informações e os escores de Amabilidade dos participantes. Referente à utilização dos sinais não-verbais, foram observadas associações significativas entre algumas características dos perfis dos usuários do Facebook com a percepção de Amabilidade por parte dos participantes: indivíduos que pareciam atrativos e simpáticos foram classificados como mais amáveis por parte dos observadores, enquanto indivíduos utilizando fotos de perfil que não eram suas foram percebidos como baixos em Amabilidade. Também foram percebidos como mais amáveis indivíduos cujas páginas pessoais continham status de relacionamento, citações religiosas e atualizações de *status* contendo afeto positivo, enquanto aqueles cujas atualizações de *status* continham afeto negativo foram percebidos como menos amáveis.

Wu, Bischof, Anderson, Jakobsen e Kingstone (2014) investigaram a influência dos CGF sobre os movimentos oculares direcionados a estímulos sociais. Foram exibidas, em um monitor, imagens de fractais, paisagens e cenas envolvendo seres humanos a 50 participantes, enquanto seus movimentos oculares eram rastreados por um sistema de *eye-tracking*. Os resultados indicaram associações entre Amabilidade e movimentos oculares direcionados a estímulos sociais. Amabilidade relacionou-se positivamente à atenção direcionada aos olhos dos outros.

Com o intuito de descobrir se a inclusão de fotos em currículos aumentaria ou dificultaria a avaliação da inteligência e da personalidade de candidatos, Frauendorfer, Mast e Sutter (2015) conduziram uma investigação em que 114 participantes classificaram 8 candidatos com relação à inteligência e personalidade a partir de currículos com foto, currículos sem foto e somente a foto (sem currículo). Todos os traços de personalidade foram classificados melhor do que o acaso, com exceção de Amabilidade.

Giraud, Focone, Demulier, Martin e Isableu (2015) conduziram um experimento para investigar como indivíduos fazem inferências precisas de traços de personalidade e outros atributos a partir de movimentos produzidos durante uma seqüência de exercícios. Os movimentos dos treinadores (*coaches*) esportivos foram transpostos para manequins virtuais que foram apresentados aos participantes. O uso de manequins virtuais objetivou a eliminação da influência de outras variáveis dos *coaches* sobre a percepção dos participantes. 32 pessoas participaram do estudo e foram solicitados a classificar os movimentos dos manequins em função das emoções transmitidas, qualidade dos movimentos e personalidade. Foram encontradas correlações negativas entre os escores de Amabilidade autorrelatados pelos treinadores e a extensão espacial dos movimentos. Observou-se também que os participantes julgavam como mais amáveis manequins que apresentavam movimentos com maior extensão espacial e suavidade.

Liu, Tolins, Tree, Neff, & Walker (2016) conduziram um experimento em que 59 participantes avaliaram características de personalidade de agentes virtuais programados para expressar Introversão, Extroversão, Neuroticismo e Estabilidade Emocional. A técnica de perguntas abertas permitiu que descritores alternativos emergissem na avaliação dos personagens, e os participantes mostraram preferência por adjetivos relacionados ao fator Amabilidade para descrever o agente programado para expressar introversão. As características que foram utilizadas para inferir Amabilidade foram: gesticulação lenta, próxima ao corpo e pouca movimentação na parte do tronco.

Senft, Chentsova-Dutton e Patten (2016) investigaram o papel da raça, gênero e expressão facial de indivíduos (alvos) e a cultura dos avaliadores (juízes) na predição de traços de personalidade. 93 pessoas participaram do estudo, que consistiu na avaliação

de fotos de rostos de pessoas de diferentes etnias exibindo sete expressões emocionais distintas. As fotos foram obtidas através de um banco de imagens e as classificações de personalidade foram realizadas através de inventários válidos, preenchidos pelos juízes. Os resultados mostraram que indivíduos que exibiam sorrisos nas fotos eram classificados como maiores em Amabilidade do que indivíduos de semblante inexpressivo.

Tackman e Srivastava (2016) investigaram o efeito da supressão de expressão emocional na atribuição de traços de personalidade. No primeiro estudo, participaram 149 pessoas e, no segundo, 238. Os participantes assistiram a vídeos de indivíduos assistindo a clipes de conteúdo emocional, alguns deles expressando emoções frente ao clipe e outros suprimindo-as. Os resultados sugerem que indivíduos que suprimem emoções de diversão ou tristeza são julgados como menos amáveis do que indivíduos que expressam essas emoções.

Para analisar a associação entre fatores psicológicos e o uso de *emoticons* em plataformas *on-line*, bem como a acurácia de indivíduos em julgar características de personalidade de usuários do Facebook, Wall, Kaye e Malone (2016) conduziram um estudo em que 46 duplas ($n = 92$ participantes) preencheram medidas de personalidade, entre outros fatores psicológicos, e relataram seu padrão de uso de *emoticons* em *e-mails*, Facebook e mensagens de texto (Estudo 1). Os participantes também realizaram atividades *on-line*, que foram monitoradas e posteriormente avaliadas por outros participantes (Estudo 2). Os resultados mostraram associações positivas e significativas entre escores de Amabilidade e a utilização de *emoticons*, porém apenas no Facebook, indicando que indivíduos com escores altos em Amabilidade fazem maior uso de *emoticons* nessa rede do que indivíduos com escores baixos no fator. O uso de

emoticons no Facebook também foi utilizado pelos participantes-juízes para julgar o nível de Amabilidade dos participantes-alvo, porém apenas os *emoticons* “felizes”.

Fernandez, Stosic e Terrier (2017) examinaram até que ponto podem ser obtidas informações precisas sobre a personalidade de candidatos a partir de suas fotos do currículo. Dois participantes (observadores) classificaram as fotos de 97 participantes (alvos) em diversos aspectos, e essas classificações foram comparadas com a média entre os escores de personalidade autorrelatados pelos participantes-alvo e os escores reportados por pessoas próximas desses participantes (escores agregados). Os aspectos não-verbais relacionados aos escores de Amabilidade dos participantes-alvo foram: estar sorrindo na foto e a presença de um plano de fundo neutro.

Finalmente, Wall, Taylor, Campbell, Heim e Richardson (2018) investigaram o papel do contexto, perspectiva de julgamento e tipo de sinal utilizado na precisão de julgamentos de personalidade em primeira impressão. O estudo foi composto por três fases e contou com uma amostra total de 173 participantes, dos quais 40 serviram como juízes para realizar classificações dos participantes-alvo. Os resultados revelaram que indivíduos que sorriem muito, concordam com o interlocutor, iniciam conversas e adotam linguagem corporal aberta são percebidos como mais altos em Amabilidade. Usar as mãos enquanto fala foi uma característica negativamente associada ao fator, indicando que indivíduos que gesticulam durante a fala podem ser percebidos como mais desagradáveis pelos outros.

Discussão

Nos artigos analisados, Amabilidade mostrou-se relacionada a diversos sinais não-verbais da comunicação. Mais especificamente, os estudos indicaram que muitos sinais não-verbais válidos, ou seja, aqueles que relacionam-se com os escores do

indivíduo no traço, refletem a própria definição do traço Amabilidade no que diz respeito à cordialidade, simpatia e manutenção de relações sociais harmoniosas. Isso indica que indivíduos altos em Amabilidade, além de comunicarem essas características através de ações ou palavras, também as fazem de maneira não-verbal, através de sorrisos, acenos de cabeça (indicando concordância, aceitação etc.), entre outras formas apresentadas.

Além de expressar a definição do traço, os sinais não-verbais válidos parecem obedecer um padrão que pode ser interpretado considerando Amabilidade como um conjunto de processos motivacionais de orientação pró-social, que envolve emoções, cognições e comportamentos nesse sentido (Habashi, Graziano, & Hoover, 2016). Esse entendimento do fator explicaria o aspecto harmonioso no padrão de comunicação não-verbal observado em indivíduos altos em Amabilidade. Por fim, uma explicação alternativa diz respeito aos aspectos de conformidade social ligados ao fator Amabilidade (DeYoung, Peterson, & Higgins, 2002; Graziano & Eisenberg, 1997), que também parece explicar a maioria dos sinais não-verbais encontrados.

Os estudos, contudo, encontraram poucas associações negativas entre os níveis de Amabilidade e os sinais não-verbais exibidos pelos participantes. Uma característica que associou-se com escores baixos em Amabilidade foi a extensão espacial dos movimentos corporais (Giraud, Focone, Demulier, Martin, & Isableu, 2015), mas que foi utilizada pelos participantes na condição de observadores de maneira contrária, isto é, associou-se com impressões positivas de Amabilidade. Outra característica de movimentação corporal que também associou-se à percepção negativa de Amabilidade foi a utilização das mãos para falar (Wall, Taylor, Campbell, Heim, & Richardson, 2018). A interpretação desses resultados exige cautela, visto que fatores socioculturais

exercem influência sobre a comunicação não-verbal, principalmente sobre o uso de gestos (Burgoon, Guerrero, & Floyd, 2016, pp. 41-44).

Os resultados de artigos que abordaram, ao mesmo tempo, validade e utilização de sinais não-verbais indicaram que indivíduos nem sempre se baseiam em sinais válidos para fazer julgamentos de Amabilidade, reforçando a constatação de que esse é um fator da personalidade difícil de ser inferido com precisão (Ames & Bianchi, 2008). Em outras palavras, ao julgar os níveis de Amabilidade dos participantes-alvo, os participantes no papel de observadores muitas vezes basearam suas impressões em sinais que não tinham nenhuma relação com o fator. Por outro lado, algumas características como sorriso e aparência amigável foram corretamente utilizadas pelos participantes-observadores, isto é, serviram como base para suas inferências sobre o nível de Amabilidade dos participantes-alvo e, de fato, eram sinais que estavam correlacionadas com os níveis de Amabilidade desses participantes.

Algumas limitações devem ser consideradas na interpretação dos estudos encontrados. Conforme já mencionado, diferenças socioculturais exercem influência sobre a comunicação não-verbal, o que exige precaução na generalização dos achados para outros países ou culturas. Além disso, diversos fatores contextuais, como a ocasião em que os comportamentos ocorrem ou até a personalidade do indivíduo com quem se interage pode mediar a relação entre os níveis de Amabilidade e a expressão de determinados sinais (Burgoon, Guerrero, & Floyd, 2016, p. 207; Yao & Moskowitz, 2015). Essas limitações, entretanto, não se aplicam a todos os sinais não-verbais, pois alguns desses comportamentos são mais “universais” do que outros, sofrendo pouca influência cultural.

Ademais, não foram encontrados estudos brasileiros sobre o tema, o que pode estar relacionado à especificidade da busca ou à carência de pesquisas sobre julgamentos de personalidade no Brasil. Além disso, embora o intervalo temporal adotado na busca tenha sido bastante amplo e resultado em um número relativamente grande de artigos, poucos foram passíveis de aproveitamento para os fins deste estudo. A carência de pesquisas sobre Amabilidade também é um fator a ser considerado (Furnham, 2017, pp. 2214-2224).

Por fim, constatou-se que a maioria dos estudos abordou a frequência sem considerar a intensidade dos sinais não-verbais ligados à expressão facial. Tendo em vista que indivíduos altos em Amabilidade tendem a experienciar emoções associadas à amor e compaixão de forma mais intensa (Shiota, Keltner, & John, 2006), empregar técnicas que permitam capturar a intensidade das expressões faciais faz-se necessária em estudos futuros (p. ex., Sariyanidi, Gunes, & Cavallaro, 2015). Também recomenda-se que a relação entre Amabilidade e características cinéticas sejam melhor investigadas.

Referências

- Ames, D. R., & Bianchi, E. C. (2008). The agreeableness asymmetry in first impressions: Perceivers' impulse to (mis)judge agreeableness and how it is moderated by power. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *34*(12), 1719-1736. <https://doi.org/10.1177/0146167208323932>
- Ambady, N., Bernieri, F. J., & Richeson, J. A. (2000). Toward a histology of social behavior: Judgmental accuracy from thin slices of the behavioral stream. *Advances in Experimental Social Psychology*, *32*, 201-271. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(00\)80006-4](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(00)80006-4)
- Borkenau, P., Mauer, N., Riemann, R., Spinath, F. M., & Angleitner, A. (2004). Thin Slices of Behavior as Cues of Personality and Intelligence. *Journal of Personality and Social Psychology*, *86*(4), 599-614. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.86.4.599>
- Brunswik, E. (1956). *Perception and the representative design of psychological experiments*. Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press.
- Burgoon, J. K., Guerrero, L. K., & Floyd, K. (2016). *Nonverbal communication*. New York, NY: Routledge.
- Burgoon, J. K., & Le Poire, B. A. (1999). Nonverbal cues and interpersonal judgments: Participant and observer perceptions of intimacy, dominance, composure, and formality. *Communications Monographs*, *66*(2), 105-124.
- Costa Jr, P. T., & McCrae, R. R. (1992). Four ways five factors are basic. *Personality and Individual Differences*, *13*(6), 653-665. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(92\)90236-I](https://doi.org/10.1016/0191-8869(92)90236-I)

- Cuperman, R., & Ickes, W. (2009). Big five predictors of behavior and perceptions in initial dyadic interactions: Personality similarity helps extraverts and introverts, but hurts “disagreeables”. *Journal of Personality and Social Psychology*, *97*(4), 667–684. <https://doi.org/10.1037/a0015741>
- DeYoung, C. G., Peterson, J. B., & Higgins, D. M. (2002). Higher-order factors of the Big Five predict conformity: Are there neuroses of health? *Personality and Individual Differences*, *33*(4), 533-552. doi:10.1016/s0191-8869(01)00171-4
- Fernandez, S., Stosic, G., & Terrier, L. (2017). Does your résumé photograph tell who you are? *Personality and Individual Differences*, *104*, 186–189. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.08.006>
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., & Glick, P. (2007). Universal dimensions of social cognition: Warmth and competence. *Trends in Cognitive Sciences*, *11*(2), 77-83. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2006.11.005>
- Frauenhofer, D., Mast, M. S., & Sutter, C. (2015). To include, or not to include? Accuracy of personality judgments from resumes with and without photographs. *Swiss Journal of Psychology*, *74*(4), 207–215. <https://doi.org/10.1024/1421-0185/a000163>
- Funder, D. C. (2012). Accurate personality judgment. *Current Directions in Psychological Science*, *21*(3), 177-182. <https://doi.org/10.1177/0963721412445309>
- Funder, D. C., & Dobroth, K. M. (1987). Differences between traits: Properties associated with interjudge agreement. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(2), 409. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.52.2.409>

- Furnham A. (2017). Agreeableness. In V. Zeigler-Hill & T. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of personality and individual differences*. New York, NY: Meteor Springer.
- Giraud, T., Focone, F., Demulier, V., Martin, J. C., & Isableu, B. (2015). Perception of emotion and personality through full-body movement qualities: A sport coach case study. *ACM Transactions on Applied Perception*, 13(1). <https://doi.org/10.1145/2791294>
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative" description of personality": the big-five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216. doi:10.1037/0022-3514.59.6.1216
- Graziano, W. G., & Eisenberg, N. (1997). Agreeableness: A dimension of personality. In *Handbook of personality psychology* (pp. 795-824). <https://doi.org/10.1016/B978-012134645-4/50031-7>
- Habashi, M. M., Graziano, W. G., & Hoover, A. E. (2016). Searching for the prosocial personality: A Big Five approach to linking personality and prosocial behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 42(9), 1177-1192. <https://doi.org/10.1177/0146167216652859>
- Hall, J. A., Pennington, N., & Lueders, A. (2014). Impression management and formation on Facebook: A lens model approach. *New Media and Society*, 16(6), 958–982. <https://doi.org/10.1177/1461444813495166>
- Hostetter, A. B., & Potthoff, A. L. (2012). Effects of personality and social situation on representational gesture production. *Gesture*, 12(1), 62–83. <https://doi.org/10.1075/gest.12.1.04hos>

- Kalman, Y. M., Scissors, L. E., Gill, A. J., & Gergle, D. (2013). Online chronemics convey social information. *Computers in Human Behavior*, *29*(3), 1260–1269. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.12.036>
- Knapp, M. L., Hall, J. A., & Horgan, T. G. (2013). *Nonverbal communication in human interaction* (8th ed.). Boston, MA: Wadsworth Cengage Learning.
- Koppensteiner, M., & Grammer, K. (2010). Motion patterns in political speech and their influence on personality ratings. *Journal of Research in Personality*, *44*(3), 374–379. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2010.04.002>
- Küfner, A. C. P., Back, M. D., Nestler, S., & Egloff, B. (2010). Tell me a story and I will tell you who you are! Lens model analyses of personality and creative writing. *Journal of Research in Personality*, *44*(4), 427–435. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2010.05.003>
- Leikas, S., Lönnqvist, J.-E., & Verkasalo, M. (2012). Persons, situations, and behaviors: Consistency and variability of different behaviors in four interpersonal situations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *103*(6), 1007–1022. <https://doi.org/10.1037/a0030385>
- Liu, K., Tolins, J., Tree, J. E. F., Neff, M., & Walker, M. A. (2016). Two Techniques for Assessing Virtual Agent Personality. *IEEE Transactions on Affective Computing*, *7*(1), 94–105. <https://doi.org/10.1109/TAFFC.2015.2435780>
- Lyons, K. D., Tickle-Degnen, L., Henry, A., & Cohn, E. (2004). Impressions of personality in Parkinson's disease: Can rehabilitation practitioners see beyond the symptoms? *Rehabilitation Psychology*, *49*(4), 328–333. <https://doi.org/10.1037/0090-5550.49.4.328>

- Markey, P. M., Markey, C. N., & Tinsley, B. J. (2004). Children's behavioral manifestations of the five-factor model of personality. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(4), 423–432. <https://doi.org/10.1177/0146167203261886>
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2003). *Personality in adulthood: A five-factor theory perspective*. New York, NY: Guilford Press.
- Mehu, M., Little, A. C., & Dunbar, R. I. M. (2007). Duchenne smiles and the perception of generosity and sociability in faces. *Journal of Evolutionary Psychology*, 5(1), 183–196. <https://doi.org/10.1556/JEP.2007.1011>
- Mohammadi, G., & Vinciarelli, A. (2012). Automatic personality perception: Prediction of trait attribution based on prosodic features. *IEEE Transactions on Affective Computing*, 3(3), 273–284. <https://doi.org/10.1109/T-AFFC.2012.5>
- Oosterhof, N. N., & Todorov, A. (2008). The functional basis of face evaluation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 105(32), 11087–11092. <https://doi.org/10.1073/pnas.0805664105>
- Pound, N., Penton-Voak, I. S., & Brown, W. M. (2007). Facial symmetry is positively associated with self-reported extraversion. *Personality and Individual Differences*, 43(6), 1572–1582. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.04.014>
- Sariyanidi, E., Gunes, H., & Cavallaro, A. (2015). Automatic analysis of facial affect: A survey of registration, representation, and recognition. *IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence*, 37(6), 1113–1133. [doi:10.1109/tpami.2014.2366127](https://doi.org/10.1109/tpami.2014.2366127)
- Senft, N., Chentsova-Dutton, Y., & Patten, G. A. (2016). All smiles perceived equally: Facial expressions trump target characteristics in impression formation.

- Motivation and Emotion*, 40(4), 577–587. <https://doi.org/10.1007/s11031-016-9558-6>
- Shiota, M. N., Keltner, D., & John, O. P. (2006). Positive emotion dispositions differentially associated with Big Five personality and attachment style. *The Journal of Positive Psychology*, 1(2), 61–71. doi:10.1080/17439760500510833
- Sweet, D. M., & Burzette, R. G. (2018). Development of the nonverbal cues of interpersonal violence inventory: Law enforcement officers' perceptions of nonverbal behavior and violence. *Criminal Justice and Behavior*, 45(4), 519–540. <https://doi.org/10.1177/0093854817753019>
- Tackman, A. M., & Srivastava, S. (2016). Social responses to expressive suppression: The role of personality judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 110(4), 574–591. <https://doi.org/10.1037/pspp0000053>
- Todorov, A., Pakrashi, M., & Oosterhof, N. N. (2009). Evaluating faces on trustworthiness after minimal time exposure. *Social Cognition*, 27(6), 813–833. <https://doi.org/10.1521/soco.2009.27.6.813>
- Tov, W., Nai, Z. L., & Lee, H. W. (2016). Extraversion and agreeableness: Divergent routes to daily satisfaction with social relationships. *Journal of Personality*, 84(1), 121–134. <https://doi.org/10.1111/jopy.12146>
- Uleman, J. S., Adil Saribay, S., & Gonzalez, C. M. (2008). Spontaneous inferences, implicit impressions, and implicit theories. *Annual Review of Psychology*, 59, 329–360. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093707>
- Wall, H. J., Kaye, L. K., & Malone, S. A. (2016). An exploration of psychological factors on emoticon usage and implications for judgement accuracy. *Computers in Human Behavior*, 62, 70–78. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.040>

- Wall, H. J., Taylor, P. J., Campbell, C., Heim, D., & Richardson, B. (2018). Looking at the same interaction and seeing something different: The role of informational contexts, judgment perspective, and behavioral coding on judgment accuracy. *Journal of Individual Differences, 39*(3), 123–141. <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000257>
- Wilson, J. P., & Rule, N. O. (2015). Facial trustworthiness predicts extreme criminal-sentencing outcomes. *Psychological science, 26*(8), 1325-1331. <https://doi.org/10.1177/0956797615590992>
- Wu, D. W.-L., Bischof, W. F., Anderson, N. C., Jakobsen, T., & Kingstone, A. (2014). The influence of personality on social attention. *Personality and Individual Differences, 60*, 25–29. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.11.017>
- Yao, Q., & Moskowitz, D. S. (2015). Trait agreeableness and social status moderate behavioral responsiveness to communal behavior. *Journal of Personality, 83*(2), 191-201. <https://doi.org/10.1111/jopy.12094>

Anexos

Figura 1

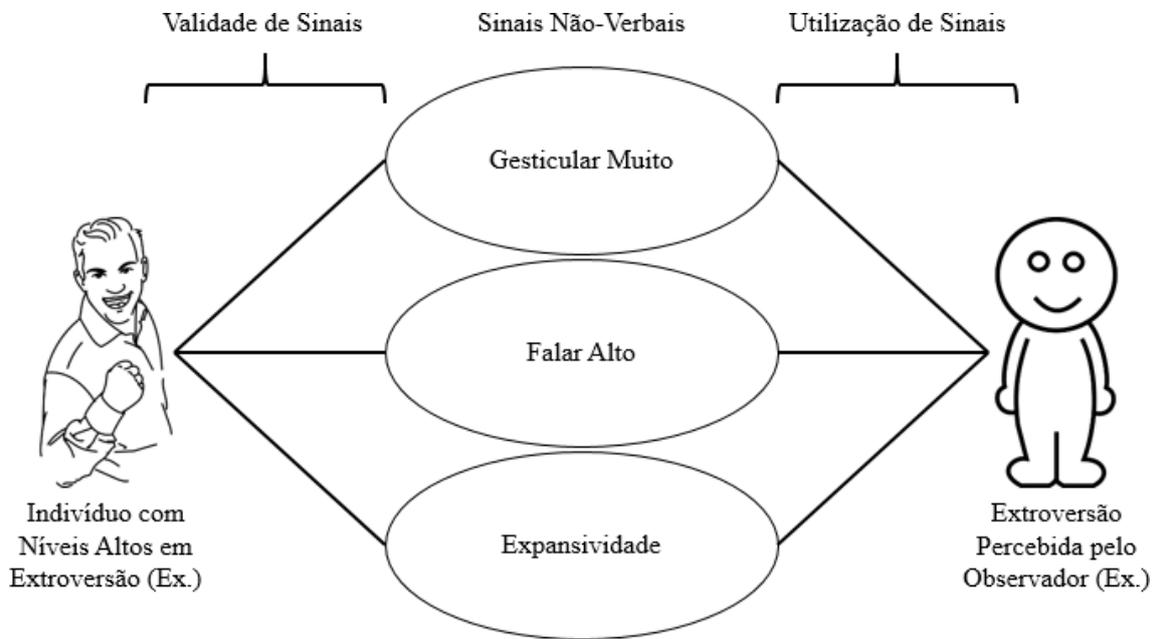


Figura 2

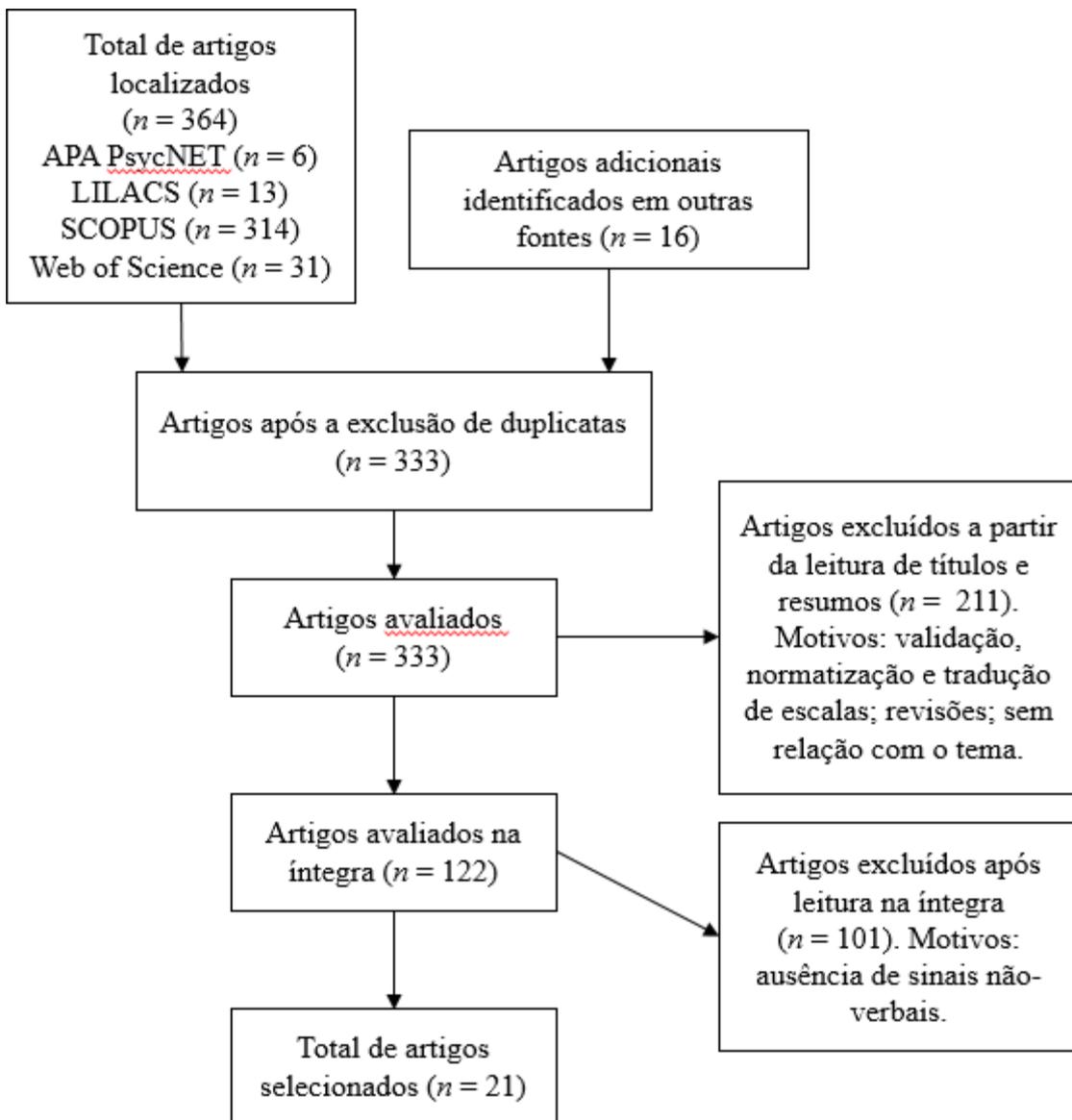


Tabela 1

Validade de Sinais Não-Verbais, Autores, Ano e Características Metodológicas

| Autores, ano e país | Fonte de informação | Amostra | Associação com amabilidade | Classificação da personalidade |
|---|--|---|---|--|
| Lyons, Tickle-Degnen, Henry e Cohn (2004) Estados Unidos | Gravações de entrevistas com os pacientes | $n = 99$ terapeutas / $n = 12$ pacientes com doença de Parkinson leve à moderada | Positiva: - Negativa: - | Autorrelato (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1992) |
| Markey, Markey e Tinsley (2004) Estados Unidos | Gravações das interações entre as crianças e seus pais | $n = 94$ crianças | Positiva: parecer interessado que o pai/mãe tem a dizer ($r = 0,28^*$), buscar confirmação do pai/mãe ou “pescar elogios” ($r = 0,27^*$), envolver-se em constante contato visual com o pai/mãe ($r = 0,22^*$), parecer gostar do pai/mãe ($r = 0,22^*$), expressar cordialidade ($r = 0,21^*$), parecer simpático ($r = 0,20^*$), sorrir frequentemente ($r = 0,20^*$) Negativa: exibir “ares” de superioridade ($r = -0,25^*$), competir com pai/mãe ($r = -0,24^*$), expressar crítica ($r = -0,24^*$), ignorar o que pai/mãe tem a dizer ($r = -0,23^*$), fazer coisas interessantes durante a interação ($r = -0,23^*$), manter pai/mãe à distância durante a interação ($r = -0,21^*$), ter aparência incomum/não convencional ($r = -0,20^*$) | Reportada pela mãe (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1992) |

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; **** $p < 0,0001$

Tabela 1

Validade de Sinais Não-Verbais, Autores, Ano e Características Metodológicas (Continuação)

| Autores, ano e país | Fonte de informação | Amostra | Associação com amabilidade | Classificação da personalidade |
|---|--|--|---|---|
| Pound, Penton-Voak e Brown (2007) Inglaterra e Escócia | Fotos de rosto dos participantes | $n = 294$ juízes / $n = 10$ participantes-alvo | Positiva: - Negativa: - | Autorrelato (Botwin, Buss, & Shackelford, 1997) |
| Cuperman e Ickes (2009) Estados Unidos | Gravações de interações entre duplas de participantes | $n = 174$ participantes | Positiva: número de vezes de fala ($r = 0,26^*$), duração da fala ($r = 0,21^*$), número de sorrisos/risadas ($r = 0,23^*$), duração de sorrisos/risadas ($r = 0,24^*$), número de acenos de cabeça ($r = 0,22^*$) Negativa: - | Autorrelato (BFI; John, Donahue, & Kentle, 1991) |
| Hostetter e Potthoff (2012) Estados Unidos | Vídeos dos participantes proferindo palavras e realizando gestos representacionais | $n = 59$ juízes / $n = 59$ participantes-alvo | Positiva: - Negativa: - | Autorrelato (BFI; John, Donahue, & Kentle, 1991) |
| Leikas, Lönnqvist e Verkasalo (2012) Finlândia | Gravações dos participantes interagindo com atores profissionais | $n = 32$ | Positiva: acenos de cabeça na interação com o ator desempenhando o papel dominante ($\beta = 0,53^*$) Negativa: - | Autorrelato (S5; Konstabel, Lönnqvist, Walkowitz, Konstabel, & Verkasalo, 2012) |
| Kalman, Scissors, Gill e Gergle (2013) Israel, Estados Unidos e Inglaterra | Registro de conversa dos participantes em um jogo <i>online</i> | $n = 124$ | Positiva: comprimento da mensagem ($r = 0,06^{****}$) e tempo de resposta entre um post e outro ($r = 0,06^{****}$) Negativa: - | Autorrelato (BFI-44; John & Srivastava, 1999) |

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; **** $p < 0,0001$

Tabela 1

Validade de Sinais Não-Verbais, Autores, Ano e Características Metodológicas (Continuação)

| Autores, ano e país | Fonte de informação | Amostra | Associação com amabilidade | Classificação da personalidade |
|---|---|--|--|---|
| Hall, Pennington e Lueders (2014) Estados Unidos | Perfis do Facebook dos participantes | $n = 35$ juízes / $n = 100$ participantes-alvo | Positiva: parecer simpático nas fotos ($r = 0,26^*$), ter fotos com amigos que pareçam simpáticos ($r = 0,20^*$), postar imagens bem humoradas ($r = 0,24^*$) Negativa: página de informações: fontes grossas ($r = -0,22^*$) | Autorrelato (John et al., 2008) |
| Giraud, Focone, Demulier, Martin e Isableu (2015) França | Movimentos corporais de <i>coaches</i> esportivos transpostos para manequins virtuais em 3D | $n = 32$ juízes / $n = 14$ <i>coaches</i> esportivos | Positiva: - Negativa: extensão espacial dos movimentos ($r = -0,44^*$) | Autorrelato (BFI; Plaisant et al., 2010) |
| Wall, Kaye e Malone (2016) Inglaterra | Autorrelato de uso de emoticons e atividades do Facebook | Estudo 1: $n = 92$ participantes / Estudo 2: $n = 7$ juízes / $n = 54$ participantes-alvo | Positiva: uso de <i>emoticons</i> no Facebook ($r = 0,27^*$) Negativa: - | Autorrelato (IPIP-Big-5, Goldberg et al., 2006) |
| Fernandez, Stosic e Terrier (2017) Suíça | Fotos de currículos de candidatos | $n = 2$ juízes / $n = 97$ participantes-alvo | Positiva: estar sorrindo na foto ($r = 0,28^{**}$) foto com plano de fundo neutro ($r = 0,26^{**}$) Negativa: - | Autorrelato e reportada por conhecidos próximos (IPIP; Golberg, 1992) |

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; **** $p < 0,0001$

Tabela 2

Utilização de Sinais Não-Verbais, Autores, Ano e Características Metodológicas

| Autores, ano e país | Fonte de informação | Amostra | Associação com amabilidade | Classificação da personalidade |
|---|--|---|---|---|
| Lyons, Tickle-Degnen, Henry e Cohn (2004) Estados Unidos | Gravações de entrevistas com os pacientes | $n = 99$ terapeutas / $n = 12$ pacientes com doença de Parkinson leve à moderada | Positiva: vestimenta formal ($r = 0,37^{****}$), expressividade positiva ($r = 0,34^{****}$) Negativa: legibilidade vocal ($r = -0,22^{****}$), balanceamento do corpo ($r = -0,22^{****}$), tremores ($r = -0,20^{****}$) | Avaliada pelos terapeutas (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1992) |
| Mehu, Little e Dunbar (2007) Inglaterra e Escócia | Fotografias dos participantes-alvo | $n = 58$ juízes / $n = 100$ participantes-alvo (divididos em 2 grupos) | Positiva: - Negativa: - | Avaliada pelos juízes através de adjetivos relacionados aos fatores (sem instrumento padronizado) |
| Koppensteiner e Grammer (2010) Áustria | Movimentos corporais de políacos transpostos para animações em forma de bonecos palito | $n = 150$ | Positiva: baixa atividade corporal interrompida por alta atividade ($r = 0,42^{**}$) Negativa: movimentos verticais dos braços ($r = -0,53^{**}$) | Avaliada pelos participantes (instrumento não informado) |
| Küfner, Back, Nestler e Egloff (2010) Alemanha | Histórias criativas escritas pelos participantes | Estudo 1: $n = 10$ juízes / $n = 79$ participantes-alvo Estudo 2: $n = 126$ | Positiva: Estudo 1: escrita com elementos de orientação social ($r = 0,28^*$), emoções positivas nas palavras ($r = 0,47^{**}$) Estudo 2: escrita com elementos de orientação social ($r = 0,46^{**}$), emoções positivas nas palavras ($r = 0,38^{**}$) Negativa: - | Avaliada pelos juízes (BFI-10; Rammstedt & John, 2007) |

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Tabela 2

Utilização de Sinais Não-Verbais, Autores, Ano e Características Metodológicas (Continuação)

| Autores, ano e país | Fonte de informação | Amostra | Associação com amabilidade | Classificação da personalidade |
|---|---|--|--|---|
| Mohammadi e Vinciarelli (2012) Suíça | Clipes de áudios de boletins de rádio | $n = 11$ | Positiva: - Negativa: Voz com formantes altos | Avaliada pelos participantes (BFI-10; Rammstedt & John, 2007) |
| Hall, Pennington e Lueders (2014) Estados Unidos | Perfis do Facebook dos participantes | $n = 35$ juízes / $n = 100$ participantes-alvo | Positiva: parecer simpático(a) nas fotos ($r = 0,27^{**}$), parecer atrativo(a) ($r = 0,28^{**}$). Na página de informações: conter status de relacionamento ($r = -0,28^*$) e citações religiosas ($r = 0,20^*$). Atualizações de status contendo afeto positivo ($r = 0,39^{***}$) Negativa: foto de perfil não ser da pessoa ($r = -0,31^{***}$). Na página de informações: jogos listados ($r = -0,23^*$), citações de filmes ($r = -0,21^*$) e citações totais ($r = -0,21^*$); atualizações de status contendo afeto negativo ($r = -0,53^{***}$) | Avaliada pelos juízes (John et al., 2008) |
| Giraud, Focone, Demulier, Martin e Isableu (2015) França | Movimentos corporais de <i>coaches</i> esportivos transpostos para manequins virtuais em 3D | $n = 32$ juízes / $n = 14$ <i>coaches</i> esportivos | Positiva: extensão espacial dos movimentos ($r = 0,28^*$) e suavidade dos movimentos ($r = 0,57^*$) Negativa: - | Avaliada pelos juízes (BFI; Plaisant et al., 2010) |
| Wall, Kaye e Malone (2016) Inglaterra | Dados de atividades do Facebook (perfil e <i>chat</i>) | Estudo 1: $n = 92$ participantes / Estudo 2: $n = 7$ juízes / $n = 54$ participantes-alvo | Positiva: uso de <i>emoticons</i> felizes ($r = 0,74^{**}$) Negativa: - | Avaliada pelos juízes (IPIP-Big-5, Goldberg et al., 2006) |

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Tabela 2

Utilização de Sinais Não-Verbais, Autores, Ano e Características Metodológicas (Continuação)

| Autores, ano e país | Fonte de informação | Amostra | Associação com amabilidade | Classificação da personalidade |
|---|--|---|---|---|
| Tackman e Srivastava (2016) Estados Unidos | Vídeos de pessoas assistindo a videoclipes | Estudo 1: $n = 149$ Estudo 2: $n = 238$ | Positiva: - Negativa: supressão de emoções de diversão e de tristeza ($D = -9,75$, 95% CI [-12,48, -7,02], $d = -0,57$) | Avaliada pelos participantes (BFI-10; Rammstedt & John, 2007) |
| Senft, Chentsova-Dutton e Patten (2016) Estados Unidos | Fotos de rostos de diferentes etnias retiradas de um banco de imagens | $n = 93$ juízes / $n = 23$ participantes-alvo | Positiva: sorriso [$F(1, 88,29) = 25,91^{***}$] Negativa: - | Avaliada pelos juízes (TIPI; Gosling et al., 2003) |
| Liu, Tolins, Tree, Neff e Walker (2016) Estados Unidos | Agentes virtuais programados para expressar determinadas características | $n = 59$ | Positiva: - Negativa: - | Avaliada pelos participantes (BFI; John, Donahue, & Kentle, 1991) |
| Wall, Taylor, Campbell, Heim e Richardson (2018) Inglaterra e Irlanda do Norte | Gravação da interação dos participantes em diferentes tarefas | $n = 173$, dos quais $n = 40$ serviram como juízes | Positiva: sorrir muito ($r = 0,49^*$), concordar com o interlocutor ($r = 0,49^*$), iniciar conversa ($r = 0,59^{***}$), linguagem corporal aberta ($r = 0,57^{***}$) Negativa: usar as mãos quando fala ($r = -0,54^*$) | Avaliada pelos juízes (IPIP; Goldberg et al., 2006) |

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$